

VAI ANDANDO QUE ESTOU CHEGANDO



Carlos Luís Figueira

A falta de vacinas conduz a reações, justificadas muitas delas, a proporções que nos conduzem a colocar tudo em causa. A eficácia das mesmas alimentando movimentos negacionistas que nos conduziriam ao abismo na saúde pública, a soluções de procura fora do quadro das negociações efetuadas pela União Europeia, o que nos poderia conduzir a vacinar pessoas sem o aval das entidades europeias do medicamento, à depreciação do seu valor na defesa da saúde pública.

Todo este panorama conduz, somado ao cansaço provocado por este longo inverno de pandemia, do qual resultam isolamentos cada vez mais insuportáveis, somados a um sentimento de insegurança, incerteza, quanto ao que nos espera, tudo acumulado pelos níveis de desemprego que dispararam, pelo encerramento de empresas, ou pela redução abrupta de efetivos que o teletrabalho não compensa.

Em todo este quadro quanto às razões do atraso da vacinação existem responsáveis e em primeiro lugar a UE, que não se mostrou capaz de enfrentar como lhe era devido, os interesses das grandes empresas farmacêuticas que viradas para o lucro pouco se importaram para cumprir contratos perante a passividade que os responsáveis da Presidência da União Europeia demonstraram em tal contexto. Exemplo singular deste quadro e que aqui vos trago como retrato, é o facto de um familiar muito próximo, bem mais novo do que eu, a viver à décadas em Marrocos, já ter sido vacinado em doze dupla, assim como toda a comunidade estrangeira ali residente, na maioria composta por franceses que ali decidiram viver o resto das suas vidas, vacinação suportada pelos serviços públicos de saúde vigente no País.

Então interrogo-me? Eu que desde a primeira hora, e aqui o traduzi, me preocupava sobre as consequências de toda esta pandemia iria provocar quanto ao acesso à vacinação de países mais pobres eventualmente acentuando maiores diferenças sociais e fatores de pobreza, dou por mim a interrogar-me o que se está a passar na EU. Bem sei que o exemplo vale por si mesmo e não corresponderá ao quadro geral em que a África e países chamados do terceiro mundo se encontram face à pandemia, mas não deixa de nos interrogar do porque de tais atrasos que nos batem à porta e quais as medidas que estão a ser tomadas para que tal não persista com prejuízos para uma parte importante da população tendo em vista a sua idade ativa. As últimas notícias dão-nos alguma esperança, suportada por maior contingente de vacinas recebidas que teve como consequência a vacinação em massa de professores e pessoal auxiliar. Operação de facto notável há que reconhece-lo. Oxalá continue para que os anúncios de tempos melhores se confirmem.

Para além da pandemia o País político enfrenta, até ver, a primeira colisão entre Governo e Presidência a propósito da chamada "Lei Travão" que não permite alterações de despesa orçamental que possam distorcer a sua execução em matéria de dívida. Aprovados diplomas nesse sentido pela maioria dos grupos parlamentares, com exceção do PS, cabia a última palavra ao Presidente que pelo que as notícias de hoje dão conta, resolveu promulgar tais diplomas. Em tal situação cabe ao governo aceitar ou enviar para o Tribunal Constitucional para sua apreciação abrindo um fosso na sua aplicação. Creio que ninguém estará interessado na abertura de uma crise política em tais circunstâncias e que as posições assumidas se destinam sobretudo a provocar algum desgaste ao poder por uma direita ansiosa de lá chegar e uma esquerda que ainda não encontrou o seu posicionamento no quadro político em que o País se encontra.

carlosluisfigueira.@sapo.pt
29.03.2021

ENQUANTO MINISTRO PORTUGUÊS ALEGA FALTA DE INTERESSE DE MADRID

Andaluzia exige comboio de Alta Velocidade de Sevilha a Faro

Algarvios e andaluzes coincidem na exigência de que os governos português e espanhol avancem com a ligação transfronteiriça entre Vila Real de Santo António e Huelva, mas os espanhóis estão a ser mais proativos nessa exigência. E têm já uma petição a correr. A poderosa Junta Autónoma de Andaluzia assinou o documento

> JOÃO PRUDÊNCIO

Desde há três meses que está a circular no sudoeste andaluz uma petição que exige a ligação por Alta Velocidade (AVE) entre Sevilha e Faro, apurou o JA junto de fontes do outro lado da fronteira, segundo as quais o documento foi subscrito pela própria Junta Autónoma de Andaluzia, autarquias, partidos políticos e associações de empresários.

“Em Espanha todos os empresários, sociedade, partidos políticos, estamos interessados na linha AVE Sevilha/Huelva/Faro, para ligar de uma vez por todas a Andaluzia com o Algarve”, disse ao JA o ex-alcade de Ayamonte e secretário-geral do Partido Popular da província de Huelva, Alberto Fernandez, também conselheiro da Junta de Andaluzia.

O mesmo responsável recorda que a própria União Europeia estabeleceu um corredor mediterrânico no mapa das linhas de Alta Velocidade na Europa, onde foi finalmente incluída a linha AVE até Faro. “O que estamos a fazer deste lado do Guadiana e convocar publicamente todos para que Portugal e Espanha se apresentem ante Europa a dizer que essa linha tem que ser financiada e já. E há que antecipar prazos. E o Governo da Junta de Andaluzia disse-o publicamente e o Conselheiro da Presidência, o secretário geral da presidência da Junta de Andaluzia manifestaram-no publicamente!”, enfatiza Alberto Fernandez, num claro convite a que os portugueses façam o mesmo que estão a fazer do seu lado da fronteira. “O Governo andaluz aderiu já na passada semana”, afirma, garantindo que não tem quaisquer indícios de que Madrid se recuse a fazer a linha.

Não foi isso que o ministro das Infraestruturas disse na passada semana no parlamento, onde garantiu que, na última cimeira ibérica, em outubro, o Governo de Madrid mostrou desinteresse na ligação transfronteiriça. E Pedro Nuno Santos garantiu que essa má vontade não tem paralelo do lado de cá: “Somos completamente a favor disso. E achamos incompreensível que o corredor Mediterrâneo termine em Huelva e não seja estendido até ao Algarve e que



não se dê uma oportunidade de o Algarve poder beneficiar de uma ligação que traga um conjunto de turismo”, afirmou o ministro no parlamento, lamentando a posição do poder central espanhol.

Intenções governamentais à parte, não tem sido visível entre os algarvios qualquer esforço reivindicativo de ligação daquelas linhas nos últimos anos.

Alta Velocidade não é incompatível com metro de superfície

“Lá em cima discute-se se deve haver uma estação a mais ou a menos e aqui no Algarve não existe nada”, constata Luís Romão, diretor da Eurocidade do Guadiana, entidade autárquica transfronteiriça que, quase isoladamente, tem mantido o assunto na agenda política. Romão recorda que a temática foi reavivada junto da tutela por si próprio durante uma reunião online há poucos meses: “A CCDR pegou no que eu disse. Foi depois discutido na cimeira”, afirma o diretor da entidade que junta os municípios de Castro Marim, VRSA e Ayamonte. E admite mesmo que a versão oficial portuguesa pode estar truncada: “Em Espanha já me disseram que eram os portugueses que não queriam”, jura, com a ressalva de que “é fácil desculparmos uns com os outros”.

Romão pede insistência e resiliência à região: “O importante é os políticos da região defenderem esse projeto, serem chatos com esse projeto”. Um projeto que, afiança, não tem que passar necessariamente pela Alta Velocidade: “Acho que não precisamos da Alta Velocidade. Precisamos

de uma linha como Sintra ou Cascais que fizesse fluir o Algarve todo”.

Para o movimento Mais Ferrovia, Alta Velocidade e metro de superfície não são incompatíveis, mas não é o metro que deve ligar a Huelva: “Deve-se optar pela Alta Velocidade. O que não invalida a utilização desta linha por outros tipos de comboios, de passageiros e de mercadorias, desde que a circulação de todas estas composições se efetue de forma coordenada e racional”, afiança ao JA Cristina Grilo, dinamizadora daquele movimento de defesa da via ferroviária no Algarve.

A “militante” ferroviária garante que desconhecia qualquer desinteresse da parte do Governo espanhol no projeto de ligação da AVE (que neste momento se queda em Sevilha) e Faro, numa distância de quase 200 km, dos quais 140 da capital andaluza a Huelva.

“O Algarve deverá fortalecer, através da ferrovia, a sua ligação a Espanha e Europa. Através do Algarve, poderá Portugal fazer parte do corredor ferroviário do Mediterrâneo que atravessa Espanha, França, Itália, Eslovénia, Croácia e Hungria”, preconiza Cristina Grilo, atribuindo a falta de andamento do projeto de ligação a “falta de pensamento estratégico na relação benefício entre Portugal/Espanha e entre Península Ibérica/Europa”.

“Não é o Governo espanhol que decide, nós temos que estar interessados”

“Preconizamos o comboio de Alta Velocidade a instalar em nova linha, eventualmente paralela à Via do Infante, que faça a ligação, não só a Espa-

nhá, com o atravessamento do Rio Guadiana, como também ao Alentejo e a Lisboa/Porto. Esta proposta tem fundamento nas seguintes constatações”, afirma a dirigente associativa, sublinhando que “a ligação ferroviária a Lisboa/Porto já se encontra subdimensionada face à crescente procura” e que “o Algarve tem na sua vizinhança próxima o Alentejo e a Andaluzia, estando estas três regiões dotadas de infraestruturas aeroportuárias e portuárias, cuja ligação por ferrovia se poderia potenciar, com todos os benefícios decorrentes para as respetivas regiões/países, especialmente para o inaproveitado Aeroporto de Beja”.

Uma posição sufragada pelos empresários turísticos: o presidente (demissionário) da Associação dos Hotéis e Empreendimentos Turísticos do Algarve (AHETA): “O nosso problema não é o Governo espanhol estar interessado, é nós estarmos. Não é o Governo espanhol que decide, nós temos que estar interessados”, sustenta o hoteleiro, lamentando “a forma como o Algarve tem sido tratado em matéria de investimento público”, que classifica “de desfavor por parte da administração central”.

Para o dirigente demissionário da AHETA (em declarações ao JA anteriores ao anúncio da sua demissão, no passado sábado), a ligação de Faro à rede de Alta Velocidade que atualmente “pára” em Sevilha é um dos quatro vetores que a associação considera fundamentais para a modernização da via férrea algarvia, a juntar à modernização do material circulante, ligação ao aeroporto e modernização da linha Algarve/Lisboa.